



NÃO PINTCHA

* ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Hoje às 18,30 no Partido Sessão de apoio à luta anti-apartheid

Militantes do nosso glorioso PAIGC!

Membros dos Comités do Partido nos bairros e locais de trabalho do Sector Autónomo de Bissau!

Camaradas!

Na época histórica em que vivemos, os povos em todo o mundo levantaram-se corajosa e decididamente contra o colonialismo, a dominação imperialista, o racismo, o sionismo e demais formas de exploração do homem pelo homem.

Em África, as duas últimas décadas caracterizaram-se pela libertação de numerosos países do jugo colonial. Conquistada a independência, os nossos povos travam agora a batalha pelo desenvolvimento económico. Mas há ainda, no nosso continente, milhões de africanos que vivem sob um dos mais odiosos e bárbaros regimes de exploração e de discriminação racial de que há memória: o apartheid.

Desumanamente explorado, brutalmente reprimido, espoliado de todos os seus direitos, o povo da África do Sul luta contra uma minoria racista que, apoiada pelo imperialismo internacional, encontra na política criminoso do apartheid a forma de prosseguir a exploração dos trabalhadores africanos e a pilhagem, a favor dos monopólios, das riquezas desse país.

A luta contra o apartheid e a solidariedade com o povo da África do Sul tornaram-se, nos nossos dias, uma das principais preocupações da comunidade internacional. Assim, a 21 de Março último, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 1978 como ano internacional de luta contra o apartheid.

Também o nosso Partido que, ao libertar a Guiné e Cabo Verde do jugo colonialista, depois de uma longa e heróica luta armada, deu uma importante contribuição ao combate emancipador dos povos, sempre apoiou e continuará a apoiar a luta dos patriotas da África do Sul que enfrentam, em condições difíceis, as forças racistas de repressão.

Traduzindo os sentimentos dos militantes e de todo o povo trabalhador, o nosso Partido associou-se às comemorações que se têm realizado à escala internacional, do ano de luta contra o apartheid.

É neste quadro que o Comité do Sector Autónomo de Bissau organiza uma sessão de apoio à luta anti-apartheid, no sábado, dia 25, pelas 18 horas e 30 minutos, no salão Amílcar Cabral da sede do Partido. Este acto, de grande significado, inclui uma série de intervenções e a projecção de filmes sobre a luta dos povos contra o apartheid e a discriminação racial.

O Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau convoca para participar nesta sessão de apoio à luta anti-apartheid:

- os membros dos Comités do Partido nos bairros e locais de trabalho;
- os professores e os alunos da Escola Nacional do Partido;

(Continua na página 8)

Tudo o que estamos a fazer corresponde aos anseios maiores dos nossos povos

— afirmou o camarada Secretário-Geral ao deixar Bissau

«O que eu queria exprimir aqui em relação ao nosso povo, tanto na Guiné como em Cabo Verde, é a nossa convicção, a nossa certeza de que tudo o que estamos a fazer corresponde exactamente aos anseios maiores dos nossos povos» esta foi a mensagem dirigida pelo Secretário-Geral do Partido e Presidente da República de Cabo Verde aos dois povos irmãos antes de deixar Bissau, ao fim da manhã de terça-feira, de regresso à Praia. O dirigente máximo do nosso Partido falava aos órgãos de informação nacionais e estrangeiros no aeroporto internacional de Bissau, no termo de uma visita de trabalho de uma semana à capital, durante a qual manteve contactos e conversações com os dirigentes máximos locais. Segundo o camarada Secretário-Geral, esses contactos são a continuação dos já anteriormente havidos na reunião do CEL da Praia, e dizem respeito a certas decisões relativas à dinamização do trabalho do nosso Partido.

Aspectos ligados à política externa do Partido, à luz das decisões do III Congresso, à nossa posição na próxima reunião da OUA, a ter lugar em Junho/Julho próximo, aos problemas da actualidade africana, aos acontecimentos registados no último fim de semana, com a tentativa de infiltração de um bando de contra-revolucionários, e às especulações, na imprensa internacional, sobre a possível instalação de uma base aérea soviética em Cabo Verde, foram os principais temas abordados pelo camarada Secretário-Geral na entrevista.

Respondendo a esta última pergunta, o Presidente

da República irmã afirmou que o seu Governo já respondeu a várias perguntas

vidar esses jornalistas para irem a Cabo Verde verificar com os próprios olhos



a esse respeito que consideramos a inexistência de tal base. Sem fundamento e que agora se limita a con-

(Continua nas Centrais)

Presidente Boumediene gravemente doente

★ Conselho da Revolução assume a direcção política do país

ARGEL — O Conselho da Revolução argelino, de oito pessoas, tem vindo a dirigir o país desde o agravamento do estado de saúde do presidente Boumediene, há uma semana.

Ontem de manhã, os especialistas estrangeiros que cuidam do chefe de Estado argelino pretendiam fazer-lhe uma intervenção cirúrgica ao cérebro optando no entanto, por adiá-la à espera da chegada à capital argelina, dentro de 48 horas, de um aparelho altamente especializado que permitirá evitar uma série de testes pré-operatórios, julgados perigosos para a vida do presidente. Este, entretanto, continua em estado de coma.

Por outro lado, os argelinos seguem com atenção as informações da rádio, da televisão e da Imprensa, sobre o estado de saúde do seu líder. Numerosos habitantes ofereceram, por intermédio dos jornais, o seu sangue para ajudar o presidente Boumediene a restabelecer-se rapidamente.

Contra-revolucionários presos nos arredores de Bissau

Um grupo de contra-revolucionários composto na sua maioria por antigos comandos africanos e chefiados por um ex-guerrilheiro de nome Malam Sanhá, foi

aprisionado no sábado passado nos arredores de Bissau, segundo um comunicado emitido pelo Comissariado de Estado do Interior. O grupo, que entrou no

(Continua na página 8)

Terminou o XI Congresso do PDG

CONAKRY — A reeleição do presidente Ahmed Sekou Touré para o cargo de secretário-geral do PDG, a adopção de uma resolução geral apontando para a democratização contínua e mais completa da sociedade guineense, e a abertura de um novo capítulo no domínio das relações da Guiné com outros países, foram os resultados mais salientes do 11.º Congresso do Partido Democrático da Guiné, que decorreu de 17 a 21 do corrente, no «Palácio do Povo», em Conakry, e na qual o PAIGC esteve representado por uma delegação dirigida pelo camarada Carlos Correia, membro do CEL e Comissário de Estado das Finanças.

O futuro do desporto

Camarada director:

Esta minha carta é um desabafo em que vou abordar os problemas do desporto, que neste momento se encontra bastante pobre.

Como é do conhecimento de todos, o desporto na nossa terra está bastante fraco, mesmo o futebol que é praticado a nível nacional. E porquê? Porque o futebol está a ser praticado só a nível de seniores. Onde estão os juvenis e os juniores? Essas duas categorias são as bases fundamentais para o desenvolvimento do futebol. Porque os que estão neste momento a praticá-lo envelhecerão mais tarde, porque a idade não perdoa. E, nesse caso, onde poderemos ir buscar os seus substitutos para a selecção e mesmo para uma equipa? Talvez haja por aí pessoas que responderiam que poderemos ir buscá-los nas tabancas. Se isso acontecer, na minha opinião, será o início de um novo trabalho. Se trabalharmos com os juvenis e os juniores, garantiremos antecipadamente a continuidade do trabalho iniciado e, além disso, entre os jovens que trabalham juntamente com técnicos que lhes tirem os defeitos e os que jogam na tabanca só por jogar, existe uma grande diferença. Este problema, que é bastante delicado, só tem a sua solução junto das equipas e dos organismos ligados ao desporto e, muito particularmente, aos que estão estritamente ligados ao futebol.

Outro problema que queria abordar é o caso das outras modalidades. Segundo ouvi dizer, disputar-se-á dentro em breve um campeonato destas modalidades. Esperamos que não fique só no futebol de salão, como aconteceu na época passada, devido à falta de luz eléctrica. Mas mesmo que estes campeonatos se realizem, limitar-se-ão só às equipas das FARP, BNGB, e do Ténis Clube, se por acaso aparecerem outras será uma sorte, quase todos os atletas que neste momento praticam estas modalidades estão vinculados às equipas acima mencionadas. Será este o desporto com que sonhamos? Creio que não! Na minha opinião, os atletas que praticam estes desportos deviam transmitir os seus conhecimentos a outros, principalmente aos mais novos. Mas, para isso, têm que contar com ajuda de alguém. Porque, sem essa ajuda, onde irão buscar os interessados?

Os locais mais adequados são as escolas, os bairros, as empresas e as repartições, pois só nestes lugares se podem encontrar muitas pessoas para o trabalho.

Além disso, se todos os trabalhadores praticassem o desporto nas horas de ócio (isto aconteceria se os responsáveis os impulsionassem) adquiriam uma saúde e um físico de ferro.

Estas são as medidas e as bases mínimas que devemos lançar urgentemente para o arranque do desporto de massas com que sonhamos.

ANTÓNIO MARIA

1.ª Assembleia dos pioneiros do sector autónomo de Bissau

Com quatro centenas de crianças que militam actualmente nas suas fileiras, a Comissão da Organização dos Pioneiros «Abeí Djassi», do Sector Autónomo de Bissau prevê para os próximos dias 25 e 26, a realização da primeira assembleia daquela organização no Sector de Bissau. Esta assembleia tem como principal objectivo fazer um balanço das actividades levadas a cabo durante os dois anos da sua existência, eleger os membros, conforme os estatutos da O.P.A.D. — Organização dos Pioneiros «Abeí Djassi» — para um ano de mandato, e traçar as linhas que irão orientar a sua acção no próximo ano. Está prevista ainda, a discussão e a aprovação de um novo plano de trabalho para o ano internacional da criança que se avizinha.

Segundo o camarada Carinton Cá, primeiro responsável da OPAD do Sector Autónomo de Bissau, esta assembleia irá debruçar-se sobre as falhas cometidas nesses dois anos de actividades, e analisar igualmente o relatório do primeiro responsável sobre as actividades levadas a cabo nestes dois anos de luta. Por outro lado há uma necessidade de adaptar as estruturas daquela organização à realidade actual.

Para uma melhor organização dos trabalhos daquela assembleia, foi criada uma comissão preparatória constituída pelos camaradas Carinton Cá, Henrique Campos, responsável da OPAD, Mamadi Manafá Djancó, responsável do De-

partamento de Capacitação, Maurício José Mendes, responsável do Departamento de actividades, e Sana Camará, responsável da formação de quadros e controlo.

Entre esses elementos, foram eleitos dois camaradas, Mamadi Djancó e Maurício Mendes, para se encarregarem do programa eleitoral. Estes camaradas terão que apresentar, com uma semana de antecedência, a Comissão preparatória, a lista dos candidatos, a fim de poder ser revista toda a situação dos candidatos inscritos.

Por outro lado, foram criadas ainda várias estruturas, nomeadamente o secretariado da assembleia, sub-comissão de controlo e sub-comissão de finanças e cultura. Para um melhor controlo do trabalho destas sub-comissões, foram eleitos três camaradas que coordenarão e fiscalizarão todas as actividades.

No âmbito do trabalho preparatório, a comissão destinada àqueles fins tem vindo a efectuar reuniões de carácter elucidativo com os pioneiros. No próximo sábado, está prevista a realização de uma reunião com todos os monitores do Sector de Biombo, de Safim e do Sector Autónomo de Bissau, para os pôr ao corrente de todas as actividades que irão realizar-se.

Participarão nos trabalhos daquela assembleia, monitores, pioneiros delegados, o coordenador da reunião de Bissau.

E, como convidados, os responsáveis dos sectores de Biombo, Safim e Práb's,

bem como os representantes de outras organizações de massas e ainda representantes das organizações juvenis de países amigos que trabalham no nosso país — a FDJ (Juventude Livre Alemã) UJC (União de Juventude Cubana) e Konsomol, da União Soviética.

«A participação dos encarregados de educação é indispensável — afirmou-nos o camarada Carinton, para logo frisar que durante estes dois anos de actividades, os encarregados de educação têm acompanhado os trabalhos preparativos do juramento dos nossos pioneiros.

Novos preços para as carreiras fluviais no país

O Commissariado de Estradas dos Transportes e Turismo, através da Empresa Nacional de Agências e Transportes Marítimos, estabeleceu novos preços para as carreiras fluviais para as diversas localidades do país.

Assim, para as passagens normais teremos:

Bissau-Catió, passagem inteira — 1.ª classe 250 pesos. Meia passagem, 125 pesos. Passagem inteira — 2.ª classe, 200 pesos. Meia passagem, 100 pesos.

Bissau-Empada — 1.ª classe, 175 pesos e 87,50 para a passagem inteira e meia passagem; e 2.ª classe, 150 pesos e 75 pesos.

Bissau-Bubaque — 175 e 87,50 para a primeira classe, e 150/75 pesos para a segunda.

Bissau-Boiama — 150/75 para a primeira classe e 120/60 pesos para a segunda. Bissau-IIha das Galinhas — 150/75 pesos para a

primeira classe e 120/60 pesos para a segunda.

Bissau-Pecixe — 150/75 para a primeira e 120/60 pesos para a segunda. Para Bissau-Djabadá — são 60 pesos as passagens inteiras e 30 as meias passagens. Bissau-Enxudé — 50 pesos as passagens inteiras e 25 as meias passagens. E, finalmente, Cacheu-S. Domingos — 100 pesos a passagem inteira e 50 pesos meia passagem.

Para as viagens de fins-de-semana, temos a seguinte ordem:

Bissau-Bubaque — passagem inteira, 300 pesos, meia passagem 150 pesos para a primeira classe e 250/125 pesos para a segunda classe. Bissau-Boiama — 250 e 125 pesos para a primeira classe e 200/100 para a segunda.

Finalmente para as carreiras Cacheu-S. Domingos, temos 250 e 125 pesos para a primeira classe, e 200 e 100 pesos para a segunda classe.

Responde o Povo

Como vê a classificação da 1.ª eliminatória do Festival da Canção?

O festival da canção organizado pelo Commissariado de Informação e Cultura, em homenagem ao falecido artista José Carlos Schwarz, por ocasião do seu 29.º aniversário natalício a completar em 6 de Dezembro próximo, teve a sua primeira eliminatória em Bissau, no passado fim-de-semana.

Com o Salão do «3.º Congresso» completamente cheio, e no meio do entusiasmo com que o público sublinhava a actuação dos artistas, o «Nô Pintcha» escutou as seguintes opiniões de três espectadores, sobre esta eliminatória de Bissau:

DE UM MODO GERAL, O JÚRI FOI JUSTO

Julietta Maria Correia, 20 anos, estudante — «Estou a gostar da maneira como está organizado este festival em homenagem a José Carlos. Ao contrário do que sucedeu no festival de car-

ção política, aqui, de um modo geral, o júri foi justo. Tanto Francisco como Tunú, que se classificaram em primeiro lugar nas suas séries, mereceram esse lugar, pois, para além da grande exibição que cada um fez, as suas qualidades, como artistas já muito

nossos conhecidos, não deixaram margem para dúvidas. Faço votos para que continuem a marcar a mesma posição até à final».

O PÚBLICO NEM SEMPRE FAZ UM BOM JULGAMENTO

Feliciano Benjamim Gomes, trabalhador da Função Pública — «Ao princípio, eu também fiz um juízo apressado depois da vitória de Quebá Galissa no desempate com Domingos Fernandes. Deixei-me levar pela emoção do público e procurei também contra a decisão do júri. Mas, agora,

vendo bem as coisas, cheguei à conclusão que a classificação de Galissa foi, de certo modo, justa. Realmente, temos que saber valorizar a nossa música tradicional, devido ao seu carácter profundamente africano, o que o nosso público de Bissau não está à altura de apreciar. Por outro lado, temos também que saber respeitar a decisão do júri escolhido, sobretudo quando sabemos que é constituído por pessoas muito sérias e de nossa confiança. Também quero felicitar os outros participantes que não conseguiram alcançar a pontuação que lhes levaria à pró-

xima eliminatória. Estes, na sua maioria, tiveram uma actuação digna de realce, e o simples facto da sua participação já representa um grande passo na sua contribuição para a valorização da nossa cultura musical».

O JÚRI DEU CLASSIFICAÇÃO POR SIMPATIA

Carlos da Silva (Caló), 22 anos de idade, estudante-trabalhador — «Por mim, acho que o júri fez uma classificação um pouco por simpatia. Como sempre, votaram a «queimar» o Djibri, pois ele merecia, pelo

menos, um 3.º lugar. Pina também merecia o primeiro lugar nas eliminatórias da segunda série. Eu penso que a opinião do público conta muito nestas coisas, quando apoia com toda a força este ou aquele concorrente. Mas o júri não tomou isso em consideração. Isso não é como um jogo de futebol, onde o árbitro põe alguém na rua quando muito bem entender. Por outro lado, acho que o participante Fodé Queita, que interpretou «wisky soda», apesar de ter perdido, merece qualquer prémio de consolação, pois foi ele quem mais animou o público».

Santo Antão:

Vai arrancar a primeira unidade de pesca

No período de aproximadamente um mês, deverá estar «pronta a arrancar» no Porto Novo, em Santo Antão, a primeira unidade de Pesca projectada e executada pelo Instituto caboverdiano de Solidariedade, anunciou ao semanário Voz di Povo, Orlando Mascarenhas.

Quarenta profissionais de mar equipada guarnição piscatória do Porto Novo

vão beneficiar directamente do apoio financeiro de uma organização estatal canadiana, convertido pelo Instituto na primeira frota integrada num amplo projecto do Governo de apoio e incremento da pesca artesanal.

Dez botes, fabricados nas oficinas navais de S. Vicente e de Santo Antão, todos equipados com motor de popa amovível, vão entrar

em actividade e fornecer pescado para o consumo corrente e posteriormente comercialização, após armazenamento e conservação nas caixas isotérmicas já instaladas na vila. O complexo dispõe ainda de uma máquina de gelo, accionada por um gerador privativo, e de duas carrinhas Peugeot a utilizar nos circuitos de distribuição.

A Comissão Organizadora

da unidade de pesca que agora vai ser inaugurada é formada por representantes dos pescadores e do Instituto e tem apoio dos responsáveis do Partido e do Governo na Ilha. A gestão do complexo está atribuída ao Instituto caboverdiano de Solidariedade, mas visa-se a sua transformação em cooperativa de produção, com mais larga autonomia de trabalhos.

Julgamento do caso EMPA

Quatro anos de prisão maior foi a pena mais pesada aplicada pelo Tribunal Judicial de Sotavento ao primeiro grupo de implicados nos desvios de géneros alimentícios do silo da Empresa Pública de Abastecimento EMPA na Achada Grande, sendo a mais leve de 6 meses de prisão com pena suspensa por dois anos.

Os arguidos foram acusados de ter desviado do silo da Achada Grande, 174 sacos de milho, 95 sacos de

arroz e 90 vergas de ferro, estando o material avaliado em 268.740\$00.

O juiz, tendo em consideração a sua condição de trabalhadores braçais, a de desorganização reinante na EMPA — que proporcionou a aparecimento de desvios de géneros no silo da Achada Grande — serem considerados delinquentes primários e o princípio de reabilitação social dos delinquentes preconizado no programa do Partido e do Governo, e também por se-

rem, na sua maioria, elementos jovens que podem organizar a sua vida após a saída da prisão, resolveu aplicar penas relativamente suaves.

O juiz considerou, em declarações prestadas, após

ter lido a sentença que os réus tinham cometido um roubo ao povo, visto os géneros que roubaram serem de primeira necessidade e fundamentais para a alimentação diária de população.

Reunião da Comissão de Estudos Rodoviários

O secretário-geral do Ministério dos Transportes e Comunicações de Cabo Verde, camarada António Omar Lima, encerrou na Praia a reunião da Comissão de Estudos Rodoviários (CER) que reuniu na Praia os delegados dos cinco países africanos recentemente libertados da dominação colonial portuguesa.

No final da reunião, os participantes foram unânimes em afirmar que os resultados atingidos «são francamente positivos» tendo salientado que o mais importante «é o facto desse encontro incentivar o espírito de entre-ajuda que deve existir entre os nossos países». Na altura, foi sublinhado ainda que não serão poupados esforços para que a comissão cumpra a missão que lhe foi destinada, na Conferência de Ministros dos Transportes, realizada de 30 de Abril a Maio último, na Praia.

A Comissão de Estudos Rodoviários, recorde-se, foi criada no âmbito da cooperação preconizada pela Conferência de Ministros dos Transportes dos cinco países e reuniu-se sucessivamente em Luanda, Maputo, S. Tomé, Bissau e, finalmente, Praia, para estudar

«in loco» as condições rodoviárias em cada um desses países.

O camarada António Omar Lima começaria por louvar os resultados dos trabalhos, afirmando a dado passo que, na realidade, «existe uma vontade inquebrantável de manter uma solidariedade activa entre os nossos povos e governos, aliás, iniciada e cimentada pelos nossos partidos de vanguarda na luta comum contra a dominação colonial». E mais adiante, que «há que conhecer e dominar a tecnologia moderna dos transportes visando um desenvolvimento harmonioso dos nossos países», pois que os transportes, além de constituírem uma necessidade, «são um factor determinante no desenvolvimento de qualquer país». O secretário-geral do MTC referir-se-ia ainda ao caso particular de Cabo Verde e da insularidade que exige uma multiplicação de infraestruturas no domínio.

Os delegados, que se manifestaram satisfeitos pelo acolhimento que tiveram da parte das autoridades caboverdianas deverão submeter os resultados da reunião aos respectivos ministros de Transportes.

Cabo Verde - Portugal Fretes marítimos em debate

Uma reunião para a revisão do protocolo de fretes marítimos entre Portugal e Cabo Verde reuniu em S. Vicente as representações dos dois países. Chefia a

delegação portuguesa, constituída por três membros, o dr. Ivo de Sousa. A parte caboverdiana é dirigida pelo dr. Humberto Morais, director-geral de Marinha e Portos.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VI. DEZ ANOS DEPOIS DO MASSACRE DE PINDJIGUITI (*)

Dada a realidade actual da nossa situação, os colonialistas libertaram durante o último ano centenas de patriotas nossos, que tinham sido presos arbitrariamente, alguns durante vários anos, nas prisões e campos de concentração da Guiné, Cabo Verde e de Angola.

Entre eles, o antigo presidente do Comité Central do nosso Partido e vários outros camaradas de luta. Como já afirmámos, sejam quais forem as declarações que alguns destes compatriotas tenham sido forçados a fazer publicamente, alegrámo-nos e consideramos a sua libertação como uma das maiores vitórias políticas do nosso Partido e do nosso povo. Estamos certos de que, senão todos, mas pelo menos alguns deles — como de resto, alguns o já fizeram — encontrarão a melhor maneira de se juntarem a nós ou de dar novamente uma contribuição eficaz para a libertação do nosso povo. Hoje, como ontem, terão o nosso apoio neste sentido.

No que respeita à Guiné, importa lembrar ainda os progressos notáveis realizados no domínio da democratização do Partido e do funcionamento real dos seus organismos, nomeadamente os comités de tabanca. Muitos destes comités foram renovados nas inter-regiões do Norte e do Sul e, tendo em conta o facto das populações controlarem em geral o funcionamento dos diferentes serviços administrativos e sociais em desenvolvimento, podemos afirmar que foram dados passos importantes para que o nosso povo tome cada vez mais parte na gestão da sua vida. Nesta perspectiva, é particularmente interessante notar o facto de, ao realizar as decisões tomadas durante a reunião da comissão política de Dezembro de 1968, ter sido distribuído um grande número de armas à milícia para a milícia popular, de desempenhar melhor as suas funções de segurança e de vigilância nas regiões libertadas, e dá às populações destas regiões meios novos para uma autodefesa activa contra os crimes dos colonialistas portugueses. Mas prova, em todo o seu significado histórico, o carácter popular da nossa luta, ao mesmo tempo que reflecte o nível elevado de consciência política das nossas populações.

Em Cabo Verde, onde a nossa actividade política é ainda clandestina, os progressos realizados no decorrer de 1969 ultrapassaram significativamente as nossas previsões. Desenvolveu-se e consolidou-se a organização do Partido em algumas ilhas, nomeadamente no campo e entre os trabalhadores em geral. Milhares de panfletos e outros documentos do Partido foram amplamente distribuídos em todo o Arquipélago, e reforçadas as condições necessárias a uma nova fase de luta.

(*) Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1970 (Extractos).

Cabo Verde não exporta Revolução

— afirma Corsino Fortes



«procurado conhecer a sua própria realidade antes de estruturar a sua Revolução».

Cabo Verde, acrescentou, mantém boas relações nomeadamente com Portugal e a França, onde, segundo ele, vivem 20 mil caboverdianos. As ilhas de Cabo Verde contam neste momento com 280 mil habitantes, e a maior colónia caboverdiana (cerca de 300 mil pessoas) vive nos Estados Unidos.

Durante a sua estadia em França, onde chegou no dia 17 do corrente, o embaixador caboverdiano proferirá uma conferência na Universidade de Reims e estabelecerá contactos para tratar de problemas da emigração, nomeadamente, a preparação de uma convenção sobre Segurança Social que vai ser assinada pela França e por Cabo Verde, na cidade da Praia, em Dezembro próximo.

Cabo Verde «não acredita na exportação da Revolução» declarou no Clube da Imprensa de Rennes (França) o camarada Corsino Fortes, embaixador de Cabo Verde em França, Portugal e em vários outros países da Europa. Corsino Fortes acabava de inaugurar uma semana de manifestações culturais organizadas pela «Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Portugueses, Brasileiros, da África e da Ásia Lusófona». Referindo-se ainda ao seu país, acrescentou que Cabo Verde tinha

Tudo o que estamos a fazer corresponde aos anseios maiores dos nossos povos

— afirmou o camarada Secretário-Geral ao deixar Bissau

(Continuação da pág. 1)

Quanto aos acontecimentos registados no fim-de-semana, que culminaram com a captura do chefe do bando, Malam Sanhá, ex-combatente do PAIGC, afirmou tratar-se de uma das consequências da guerra e da política demagógica dos colonialistas, que conseguiram levar africanos a lutar contra africanos. «O Governo, afirmou, evidentemente tem que agir com toda a firmeza e responsabilidade para garantir a tranquilidade necessária a todos os cidadãos».

No contexto da política africana, e sobretudo em relação à próxima cimeira da OUA, afirmou ser muito cedo para falar das linhas mestras que constituirão a nossa acção, pois que «tudo o que se passa em África está em movimento». Sobre a questão Uganda-Tanzânia, disse que a nossa posição é absolutamente clara, «não só por uma questão de princípio, mas de justiça também», pois que «estamos convencidos que a África, e principalmente a OUA, nunca poderão atingir os seus objectivos se não se respeitarem as decisões da Carta, no que respeita às fronteiras herdadas dos regimes coloniais». Eis a entrevista na íntegra:

P — Camarada Secretário-Geral, gostaríamos de saber quais são os resultados das suas reuniões feitas em Bissau, no âmbito das actividades partidárias?

R — Como disse à chegada, a nossa vinda desta vez a Bissau evidentemente faz parte do nosso trabalho, e serviu justamente para continuar as conversações e os contactos que eram necessários prosseguir, após a reunião do CEL que tivemos na Praia, sobre certas decisões relativas à dinamização do trabalho do nosso Partido. Devo dizer que esses contactos e essas conversações confirmaram as nossas esperanças, quer dizer, mais directamente pude constatar o trabalho que tem sido feito e também as perspectivas que se apresentam actualmente ao Partido aqui na Guiné. Isto, porque, desde a independência dos nossos dois países, evidentemente que tivemos algumas dificuldades em pôr o Partido a marchar em moldes novos que se adaptassem a esta situação nova.

Esta era uma situação que não era fácil de recon-

verter de um dia para outro, portanto nós podemos dizer que agora, após três anos da independência total dos dois países, estamos a entrar de facto num ritmo novo de trabalho que corresponde às estruturas novas que o Partido deve ter para corresponder às suas obrigações e ao papel que lhe cabe neste momento da reconstrução nacional dos dois países.

P — Face às decisões da última reunião do CEL, qual será o desenvolvimento da vida do Partido nos próximos tempos?

R — O desenvolvimento da vida do Partido nos próximos tempos tem que visar a sua maior implantação em Cabo Verde, a sua reestruturação total aqui na Guiné e, evidentemente, uma acção muito mais dinâmica do ponto de vista da Unidade, que é o nosso objectivo maior. Pois que, à medida que o tempo passa, as nossas responsabilidades são maiores nesse sentido e estamos certos que era necessária uma dinâmica nova, para a qual foram, até certo ponto, estabelecidas as linhas mestras nessa reunião do CEL.

Estou certo que no ano 79, muito mais coisa poderemos fazer, já praticamente com as etapas definidas para cada ano, no sentido justamente de progredirmos no caminho da unidade. Quer dizer, independentemente de todas as medidas, particularmente económicas, que temos de tomar para o desenvolvimento harmonioso dos nossos dois países, que é a base principal da unidade, o nosso Partido tem o seu papel essencial de dinamização e, principalmente, de dar conhecimento a todo o nosso povo de todas as medidas que vão sendo tomadas, e também de permitir ao nosso povo julgar, de ver melhor, e apoiar todas as ideias e todas as acções que vão ser necessárias levar a efeito para que se possa efectivar verdadeiramente a unidade por todos nós desejada.

UNIDADE AFRICANA: POSIÇÃO INEQUIVOCA

P — No cumprimento das grandes decisões do III Congresso sobre a política externa, o Partido tem enviado diversas delegações a países amigos. Quer o camarada Secretário-Geral referir-se a essas missões e outras que num

futuro próximo se venham a realizar?

R — Nas decisões do III Congresso em que nós reafirmamos a política de não-alinhamento dos nossos Governos e do nosso Partido, pusemos como o objectivo concretizar ao máximo essa linha, e ela tem sido concretizada através da acção permanente dos nossos dois governos e viu-se que não se podia concretizar essa política de outra forma que não fosse consolidar e desenvolver as amizades estabelecidas durante a luta de libertação nacional, abrindo portas para o mundo, estabelecendo as melhores relações com todos os países do mundo, seja qual for o seu regime e a sua organização social. Portanto, é nessa base que nós desenvolvemos uma política de abertura, o que é fácil de verificar em qualquer dos nossos dois países. As relações que mantemos praticamente com países das mais diversas latitudes, visam, consolidar e desenvolver todas aquelas acções de solidariedade e de amizade com vários países que se estabeleceram durante a luta e que, portanto têm direito a uma atenção particular da nossa parte. É nesse sentido que essas missões se têm realizado, dentro da nossa linha de não-alinhamento estrito e da nossa liberdade de acção e de pensamento.

P — Quais serão as linhas de força das intervenções dos nossos países na próxima reunião da OUA? Isto, porque o nosso Partido tornou particularmente clara a sua posição relativamente aos pontos quentes da política inter-africana através de tomadas de posição, cujo sentido crítico é justamente considerado inequívoco. Estamos a pensar no conflito Tanzânia-Uganda e no desenvolvimento das questões de Angola, da Rodésia e Namíbia. Quer o camarada Secretário-Geral falar sobre esta questão?

R — Evidentemente que não é fácil falarmos desde já das linhas mestras que enformarão a nossa posição sobre questões africanas no momento da próxima cimeira da OUA. Enfim, tudo o que se passa em África está em movimento, portanto, podemos talvez no mês de Junho ou Julho, que é a altura em que se deve reunir a cimeira, ter uma situação bastante diferente daquela que esta-

mos a atravessar hoje. Hoje, há evidentemente conflitos e particularmente esta questão da Uganda-Tanzânia face à qual temos uma posição absolutamente clara. Basta ver a mensagem que foi endereçada ao Presidente Nyerere, em que a nossa posição se baseia, não só numa questão de princípio, mas também numa questão de justiça porque estamos convencidos de que a África, e principalmente a OUA, nunca poderão atingir os seus objectivos se não se respeitarem as decisões que estão contidas na carta sobre o respeito pela soberania de cada país no consenso que existe no respeito das fronteiras herdadas dos regimes coloniais. De maneira que a nossa posição não será difícil de se saber qual será, visto que em relação à nossa política africana tem sido uma constante desde o tempo da nossa luta de libertação nacional e, portanto, a nossa posição é sempre a mesma.

Simplesmente poderá é haver acontecimentos que imponham situações diferentes daquelas que estamos a viver hoje. Mas, quanto à posição que teremos, isso será aquela que seguimos até hoje, de defender até ao máximo a unidade africana, sem no entanto fugir a todo aquele espírito crítico que é necessário, porque nós perdoamos ou quase preperdoamos as falhas de cada um para com outro que a gente poderá avançar no plano da unidade africana, mas sim criticando, e portanto fazendo reconhecer os pontos errados para que possamos corrigir e melhorar o nosso trabalho nesse plano, o que, quanto a nós, é um trabalho longo, que exige não só bastante persistência mas também firmeza por parte de todos os chefes de Estado africanos.

SEQUELAS NATURAIS DUMA GUERRA PROLONGADA

P — Camarada Secretário-Geral, como é do conhecimento público, tem-se verificado desde o fim-de-semana último uma certa agitação política que talvez tenha alterado o programa da sua visita. Gostaríamos que o camarada se pronunciasse sobre o desenrolar dos acontecimentos?

R — Acho que não se trata de uma agitação. É preciso nunca esquecermos que a Guiné-Bissau é um país que fez uma guerra de

mais de dez anos. Nenhum país africano até hoje fez uma guerra de libertação, aqui nesta costa, ou mesmo nesta parte de África, que durasse tanto. Portanto, podem-se bem avaliar todas as consequências, todas as sequelas que ficam numa guerra tão longa, principalmente numa cidade como Bissau, que foi durante todos esses anos a grande retaguarda dos ocupantes, portanto a fonte de toda a corrupção e de toda a política demagógica do inimigo. Portanto, há sequelas que se vão prolongar ainda por muito tempo. Quanto a nós, o incidente da captura de um traidor, de um bando de gente, seja o que for, enquadrado no âmbito normal da fase que estamos a atravessar, e é um dos restos das consequências da guerra. Porque, infelizmente para nós, o inimigo teve a ideia maquiavélica, aliás que já tinha sido aplicada por outros colonialistas, de conseguir levar africanos a lutar contra africanos. Isso foi das piores coisas para nós, e são as consequências disso que estamos a sofrer até agora. Há, digamos, quase que uma retomada de consciência lenta e uma depuração quase natural que se vão fazendo com o tempo e, neste sentido, estamos certos que o tempo trabalha a nosso favor. E não consideramos de maneira nenhuma que seja uma agitação. O nosso Governo aqui tem que agir evidentemente com toda aquela responsabilidade, com aquela firmeza necessária para garantir a tranquilidade necessária a todos os cidadãos, para que se possa continuar no caminho da reconstrução nacional, que é o nosso objectivo maior neste momento da vida dos nossos dois países, tanto na Guiné como em Cabo Verde.

NÃO ESPECULEM — VEJAM COM OS PRÓPRIOS OLHOS!

P — Na imprensa internacional têm sido retomadas as relações de que está iminentemente ou para breve a instalação de uma base aero-naval soviética em Cabo Verde. Esta questão tem algum fundo de verdade?

R — Nós já respondemos a várias perguntas a esse respeito e chegamos a um ponto em que já nem sequer desmentimos essas notícias. Cabo Verde, dadas as suas condições especiais de país situado em pleno ocea-



Camarada Aristides máximo que Cabral

no, tem uma situação tática excepcional, incluindo uma encruzamento não só do ponto de vista aéreo mas marítimo, uma vocação de ponto de encontro de gentes de várias culturas diferentes, etc.. O nosso Governo, tem mudado justamente a situação, e neste sentido também temos adoptado uma política de abertura. Portanto, podemos sem sombra de dúvida que somos dos países africanos onde se pode e sair com a maior liberdade.

O que temos feito é simplesmente convidar vários repórteres e jornalistas que têm vindo a isso para irem a Cabo Verde verificar se de facto tem lá essas grandes coisas que estaríamos em condições de construir com a União Soviética.

Isso é uma notícia sem fundamento. Mesmo jornalistas contradizem já por aí que simplesmente não vai ao SaI ou que esteve em Vicente, que entra, e que visita, e que, o têm servido para de todas essas notícias, a necessidade de intervir no nosso Governo, o modo da nossa Embaixada em Lisboa, que da vez chegou a de uma notícia saída da BBC e que tinha retomada num jornal. Pois, nós decidimos simplesmente não de e deixar que cada um com os seus olhos o passa na nossa terra, tudo será aberto, para firmar a política do Governo de não-alinhamento restrito. Além disso, há também as representações diplomáticas, e a gente que está a viver connosco e que to segue o dia-a-dia, a vida no país e a certeza, têm informado os seus governos quanto a maneira de conduzir o Governo de Cabo Verde.

P — Para terminarmos, gostaríamos que o camarada Secretário-Geral, n

